

Unamuno entre Pessoa e Kierkegaard

Gabriel Guedes Rossatti¹
jjrossatti@yahoo.com

O estudioso português José de Augusto Seabra, em artigo publicado em 1993, na edição crítica da coleção *Archivos* destinada a Fernando Pessoa, reconhece:

A ressonância cada vez maior de Fernando Pessoa, não só na literatura de língua portuguesa mas na literatura européia e mundial, deu à sua figura uma aura mítica, que hoje envolve a sua obra plurilíngüe, cuja diversidade de linguagens e de sujeitos se situa no âmago das grandes revoluções poéticas de nosso século. Poeta plural por excelência, ele repartiu-se, de *persona* em *persona*, por discursos múltiplos, num dialogismo intertextual infinito: experiência radicalmente moderna, que levou até as últimas conseqüências, na esteira de Rimbaud ("Je est un autre."), a assunção da heterotextualidade (Seabra, *in* Pessoa, 1996, p. 191).

Mas perguntamo-nos: seria pertinente relacionar o projeto pessoano a duas ou três frases espalhadas pelas cartas de Rimbaud?

O crítico literário Otto Maria Carpeaux, lá pelos idos de 1950, tentando então esclarecer o caso (ou milagre) Fernando Pessoa, parece ter chegado mais perto ao compará-lo com Kierkegaard:

Ora, para esclarecer-se o caso de Fernando Pessoa, já pensou porventura alguém no caso de... Kierkegaard? (Por enquanto considero como nova a sugestão de compará-lo com Kierkegaard.) Assim como Fernando Pessoa só publicou um livro assinado com seu nome civil, a suma poética de sua fé mística, *Mensagem*, Kierkegaard só assinou seus livros teológicos. Seus escritos poético-filosóficos atribuiu aos pseudônimos Johannes de Silentio, Victor Eremita, Constantin Constantius, Frater Taciturnus, Virgilius (*sic*) Haufniensis, Johannes Climacus, atribuindo ainda prefácios a Nicolaus Notabene e o trabalho editorial a Hilarius Bogbinder, 'ficções' necessárias porque as idéias de todos esse autores são tão diferentes entre si como são diferentes o "Guardador de rebanhos" de Alberto Caeiro e a "Ode marítima" de Álvaro de Campos (Carpeaux, 1999, p. 710).

¹ Mestre pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Mas teria Pessoa tomado conhecimento da intrincada rede de pseudônimos/heterônimos a atuar através dos livros de Kierkegaard?

Ao que tudo indica, não. Como foi notado pelo professor Álvaro Valls, a primeira aparição de Kierkegaard em idioma português se deu em 1911, através do *Diário do sedutor* (Valls, 2000, p. 36). Após este, teriam surgido textos esparsos, tanto em Portugal como no Brasil, embora pareça não existir nenhuma menção direta a Kierkegaard tanto nas cartas quanto em textos avulsos redigidos por Pessoa.

Mas aqui entraria a figura de don Miguel de Unamuno, famoso ensaísta, escritor, político (candidato pelos socialistas madrilênses em 1920) e filósofo de inclinação kierkegaardiana. Este, por todos estes motivos, viria a ser considerado (já por seus contemporâneos) como uma das figuras essenciais no panorama da literatura modernista ibero-americana, tendo à sua volta intelectuais do calibre de Alfonso Reyes, Ortega y Gasset e – pasmem – Fernando Pessoa.

Pois em carta datada de 26 de março de 1915, Pessoa, em nome da recém-publicada revista *Orpheu*, se dirige ao “Ex.mo D. Miguel de Unamuno” na tentativa de “[...] estender quanto possível a nossa influência, e conseguir, através da nossa corrente – a mais cosmopolita de quantas têm surgido em Portugal – uma aproximação de espíritos [...]”, não deixando antes de pedir que “[...] V. Ex.a nos desse a sua opinião sobre a nossa revista e a literatura que contém – opinião essa que, se pudesse ser dada através da imprensa, como julgamos que a nossa iniciativa merece, duplamente nos seria grata” (Pessoa, 1999, p. 161).

Unamuno, por sua vez, parece não se ter dado o trabalho de responder a Pessoa ou à revista *Orpheu* – talvez versos como “Ando expiando um crime numa mala, / Que um avô meu cometeu por requinte. / Tenho os nervos na fôrça, vinte a vinte, / E caí no ópio como numa vala” (de “Opiário”) ou “Eu podia morrer triturado por um motor / Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída. / Atirem-me para dentro das fornalhas! / Metam-me debaixo dos comboios! / Espanquem-me a bordo de navios! / Masoquismo através de maquinismos! / Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!” (de “Ode triunfal”) publicados na revista *Orpheu* enviada a Unamuno tenham parecido demasiado decadentes para o reitor da prestigiosa Universidade de Salamanca. Mas guardemos a *aproximação de espíritos*.

No ano anterior, 1914, Unamuno havia publicado uma novela intitulada *Névoa*. Neste trabalho, originalmente redigido em 1907, Unamuno colocava, no campo da novela, seu “humorismo confusionista” (Unamuno, 1999, p. 48), originário, por sua vez, de suas preocupações filosóficas de juventude acerca da inter-relação entre o interno e o externo, ou seja, Unamuno, influenciado por autores como Dostoiévski, Strindberg, Ibsen, Nietzsche e, principalmente, Kierkegaard, ter-se-ia colocado a desenvolver uma literatura que, em vez de se basear na idéia de uma apreensão infalível da realidade, antes se preocupava com os efeitos que os acontecimentos externos exercem sobre a alma ou interioridade dos indivíduos. E justamente ao abandonar as noções realistas de boa parte da literatura produzida no decorrer do século XIX, nas quais as referências a espaços e tempos precisos funcionavam como medida de veracidade, Unamuno, paralelamente a outros escritores, teria chegado a uma concepção de tratamento da realidade na qual o sonho, a subjetividade ou o irreal desempenhavam papel fundamental na construção ou constituição do chamado “mundo real”.

Para isso, Unamuno teria desreferencializado a palavra e a soltado no campo novelístico, dando assim origem a *nívoa*, palavra cunhada por ele (ou teria sido Víctor Goti, heterônimo de Unamuno?) para distanciar-se da novela. Esta última, a novela, ao ter a letra “o” de objetividade trocada pelo “i” de interioridade, encontrar-se-ia transformada em meio de re-cria-

ção – desta forma autor, personagem e leitor passam a se encontrar em pé de igualdade, todos fazendo parte de uma mesma história, de um mesmo *plano*, algo que Kierkegaard havia desenvolvido algumas décadas antes e chamado de *experimento*².

Em certo sentido, Kierkegaard levou a idéia do heterotexto para muito além de ambas as experiências desenvolvidas por Unamuno ou Pessoa, pois, se nas obras destes a despersonalização servia a propósitos mais ou menos enquadráveis na abrangente categoria do estético³, em Kierkegaard a idéia de transformar-se em outrem encontrava seu fundamento numa compreensão mais substancial da modernidade como uma época destinada à abolição da *personalidade*:

Uma das tragédias dos tempos modernos é precisamente esta – a de ter-se abolido o “Eu”, ou “Eu” pessoal. [...] Dessa forma, considero como meu serviço trazer personalidades poetizadas que dizem *Eu* (meus pseudônimos) para o centro da atualidade da vida, contribuindo assim, se possível, para a familiarização da época contemporânea com a audição de um *Eu* novamente, um *Eu* pessoal a falar (não aquele *Eu* fantástico puro e seu ventriloquismo). Mas precisamente porque o desenvolvimento do mundo se distanciou da maneira mais completa do reconhecimento da personalidade, isto tem de ser feito poeticamente. A personalidade poética sempre tem um quê que a torna mais suportável num mundo desacostumado a ouvir um *Eu* (Pap. VIII 2 B 88 p. 184 [JP I:656], in Hong, 1978, p. 656).

Diante de uma concepção de cultura voltada para a impessoalidade, para a massificação, Kierkegaard teria se decidido por uma *estratégia de edificação* travestida de literatura: através dessa nova forma de construir uma narrativa literária, ele pretendia familiarizar seus contemporâneos com um “eu”, ou seja, com o próprio tema da existência humana. Desse modo, resolveu criar uma forma de narrativa na qual o narrador da história se põe a fazer “experimentos existenciais”, por assim dizer, ou seja, Kierkegaard criava personagens-narradores que, ao impulsionarem outros personagens para o campo da existência (como acontece no livro *Repetição*, no qual Constantin Constantius toma para si o papel de psicólogo do Jovem Rapaz, ou nos diários de *Quidam de Estádios do caminho da vida*, no qual Frater Taciturnus comanda o autor dos diários), mostravam indiretamente aos leitores algumas características do existir de forma subjetiva, apaixonada. Portanto, nesse tipo singularíssimo de relação entre autor e personagem, dava-se uma espécie de *exercício para a existência*, no qual Kierkegaard construía personagens que, no final das contas, se mostravam eles mesmos personagens criados por outros personagens, e que precisamente haviam sido criados com o intuito de tanto confundir o leitor, fazendo com que este se pusesse a pensar por si mesmo, a escolher por si mesmo, quanto fazê-lo pensar sobre a existência, sobre os perigos e questões relacionados à existência.

Unamuno, indubitavelmente influenciado por Kierkegaard, viria a propor uma forma literária na qual homens reais e personagens nivelescas se tornam uma coisa só, como exemplificado no romance *Névoa*. Com prefácio assinado por um dos próprios personagens do romance, o ponto alto deste livro é o encontro de Augusto Pérez, personagem central da história, com o próprio autor, Miguel de Unamuno,

² Sobre o que denominava de Experiment conferir especificamente Kierkegaard (1991, p. 437-46; 1992, p. 284-298).

³ “Trata-se [...] simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em atos e ação, dramas em almas. Tão simples é, na sua substância, este fenômeno aparentemente tão confuso” (Pessoa, in Bernardinelli, 1998, p. 92).

no capítulo XXXI. O primeiro, desesperado após tantos infortúnios, decide ir a Salamanca atrás do autor de seus relatos – “Por então havia lido Augusto um ensaio meu em que, embora rapidamente, falava do suicídio, que tal impressão pareceu causar-lhe, assim como outras coisas que de mim havia lido, que não quis deixar este mundo sem ter-me conhecido e trocado umas palavras comigo” (Unamuno, 1999, p. 235).

Augusto entra, então, na casa de Unamuno percorrendo sobre trabalhos literários e filosóficos deste último, demonstrando conhecê-los razoavelmente bem, quando o primeiro decide cortar aquela conversa fiada para tratar dos problemas que haviam levado Augusto a procurá-lo, o que logo leva os dois a uma discussão amarga, na qual Unamuno revela o segredo de Augusto – “[...] tu não eras mais que uma personagem de novela, ou de *nivola*, ou como queira chamá-la. Já sabes, pois, teu segredo” (Unamuno, 1999, p. 237) –, ao que Augusto, bom leitor de Unamuno, com a *Vida de Don Quijote y Sancho* cabeça, retruca, ao considerar: “Talvez seja o senhor que não passe de um pretexto para que a minha história chegue ao mundo...” (Unamuno, 1999, p. 237). Augusto acaba saindo da casa de Unamuno desorientado, para mais adiante desaparecer...

O livro acaba inconcluso, pois não se sabe se Augusto Pérez realmente se suicidou com as próprias mãos ou se Unamuno o suicidou com sua caneta. O prefaciador Víctor Goti, amigo de ambos, Augusto e Unamuno, diz ter provas do suicídio do amigo, enquanto Unamuno mantém a tese de que este teria morrido de morte morrida – no meio da névoa a verdade é subjetividade. Ou não.

Finalizando, acreditamos que Unamuno possa ser considerado como um factível ponto de contato entre Kierkegaard e Pessoa. Com isso estamos apenas sugerindo que uma idéia, ou mesmo um protótipo de heteronímia, tenha chegado a Pessoa através de Unamuno, este sim leitor de Kierkegaard, e muito provavelmente influenciado por este neste sentido, a saber, o da construção de uma rede de autores mais ou menos autônomos e diferenciados que estariam no mesmo plano de discurso do próprio autor. Como vimos, por volta de 1914 Unamuno estava a desenvolver um “complexo literário” baseado na idéia de heteronímia tal qual Pessoa estava ou viria a desenvolver⁴.

Não obstante, antes de quisermos estabelecer uma origem para a idéia de heteronímia, preferimos pensar na continuidade de uma tradição que se situa no âmago da própria tradição literária moderna. Nesse sentido, a idéia de heteronímia pode ser encontrada nas obras dos mais diversos escritores, de Cervantes a Pessoa. Porém, a idéia da heteronímia, da pluralidade de vozes e estilos, talvez não encontre paralelos além dos horizontes colocados por ambos, Kierkegaard e Pessoa, que, ao terem dado vozes e sotaques diferentes às suas inclinações poéticas e filosóficas mais profundas e peculiares, acabaram por estabelecer alguns dos momentos mais brilhantes e paradoxais da história da cultura ocidental.

Referências

- BERNARDINELLI, C. (org.). 1998. *Fernando Pessoa: obras em prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar.
- CARPEAUX, O. M. 1999. Os heterônimos de Fernando Pessoa. In: O. M. CARPEAUX, *Ensaio reunidos: 1942-1978*. Rio de Janeiro, UniverCidade Editora e Topbooks, p. 602-605.

⁴ Pessoa fornece a data de 08/03/1914 para o “[...] dia triunfal da minha vida [...]”, no qual ter-se-ia dado “[...] o aparecimento de alguém em mim, a quem dei logo o nome de Alberto Caeiro” (Pessoa, in Bernardinelli, 1998, p. 96).

- HONG, H. and HONG, E. (orgs). 1978. *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Bloomington, Indiana University Press.
- KIERKEGAARD, S.A. 1991. *Stages on Life's Way*. Princeton, Princeton University Press.
- KIERKEGAARD, S.A. 1992. *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments*. Princeton, Princeton University Press, vol. 1.
- PESSOA, F. 1996. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Madri/Paris/México/Buenos Aires/São Paulo/Rio de Janeiro/Lima, ALLCA XX.
- PESSOA, F. 1999. *Correspondência: 1905-1922*. São Paulo, Cia das Letras.
- UNAMUNO, M. 1999. *Niebla*. Madrid, Espasa-Calpe.
- VALLS, A.L.M. 2000. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre, Edipucrs.